

OS INDÍGENAS TABAJARA DA PARAÍBA, NA RETOMADA DO TERRITÓRIO E NA PRESERVAÇÃO DA CULTURA TRADICIONAL

Maria de Lourdes Soares¹

Maria José das Neves Silva²

Camila de Lourdes das Neves Silva Silvestre³

RESUMO

O povo indígena tabajara partir de 1976 passou a viver em terras reconhecidas da reforma agrária no Conde, Pitimbu e Alhandra compartilhada pacificamente com agricultores familiares. Este texto apresenta o povo tabajara na sua cultura, um modelo de organização familiar, com características próprias de grupo de seres humanos que habitam um determinado território, com linguagem, tradições, culinária, costumes, mesmo penalizada pelo preconceito e discriminação. Povo que, em 2002, contabilizou em mais de 1.000.000 pessoas, afora os não identificadas, sem especial parcela que não conseguiu terras e passou a viver em bairros periféricos da capital. A partir de 2006 com a retomada do território, com documentação da história da etnia para fortalecimento de suas práticas culturais, seus rituais tradicionais nas crenças, mitos e ritos religiosos. Indígenas que vivem, sobretudo, da agricultura e da pecuária de pequenos animais, da pesca, do artesanato em madeira e fibra, da pintura etc.

Palavras-chave: Índios; Tabajara; Paraíba; tradicional; cultura.

ABSTRACT

From 1976 onwards, the Tabajara indigenous people began to live on land recognized as part of the agrarian reform in Conde, Pitimbu and Alhandra, peacefully shared with family farmers. This text presents the Tabajara people in their culture, a model of family organization, with characteristics typical of a group of human beings that inhabit a certain territory, with language, traditions, cuisine, customs, even penalized by prejudice and discrimination. People who, in 2002, accounted for more than 1,000,000 people, apart from the unidentified, without a special portion that did not get land and started to live in peripheral neighborhoods of the capital. From 2006, with the resumption of the territory, with documentation of the history of the ethnic group to strengthen its cultural practices, its traditional rituals in beliefs, myths

¹ Universidade Federal da Paraíba; Professora Doutora do Departamento de Serviço Social/UFPB; marialsc@terra.com.br.

² Universidade Federal da Paraíba; Professora Mestre do Departamento de Enfermagem/UFPB; jjosyne@hotmail.com.

³ Universidade Federal da Paraíba; Discente da Licenciatura em Ciências das Religiões/UFPB; camila_neves10@hotmail.com.

PROMOÇÃO



APOIO



and religious rites. Indigenous people who live, above all, from agriculture and small animal husbandry, fishing, wood and fiber crafts, painting, etc.

Keywords: Indians; Tabajara; Paraíba; traditional; culture.

1 INTRODUÇÃO

O povo indígena tabajara habitava o litoral do Brasil no trecho entre a ilha de Itamaracá e a foz do rio Paraíba. No século XVI, eram 40 mil indivíduos que se aliaram aos colonizadores portugueses na Capitania de Pernambuco e ajudaram a fundar o que viria a ser a Capitania da Paraíba e mesmo sendo perseguidos e muitos grupos dizimados, ainda constituem uma das grandes matrizes étnicas da população brasileira, contribuindo com a formação do patrimônio cultural do país.

Atualmente, grupos dos estados da Paraíba, do Ceará e do Piauí reivindicam a identidade e a ancestralidade tabajara. Na Paraíba, a maior parte das terras dos povos Potiguara e Tabajara está nas mãos de usineiros, granjeiros, hoteleiros e em áreas de assentamentos agrários. Mas, desde 2005, diversas famílias no estado da Paraíba vêm reivindicando o reconhecimento étnico oficial de sua condição de indígenas tabajaras em várias localidades.

Na Paraíba o povo Tabajara se encontra no Litoral Sul como uma população superior a 750 indígenas, segundo Mura (2010), distribuídos em 4 aldeias localizadas nas terras das antigas Sesmarias de Jacoca e de Aratagui nos municípios de Conde, Alhandra e Pitimbu., além da Aldeia Vitória, em Mata da Chica (Conde -PB), possuem também aldeia em Barra de Gramame, também localizada no município do Conde. Hoje, pouco mais de mil indígenas reconhecidos Tabajara habitam o território paraibano, famílias que vivem em terras da reforma agrária as que não conseguiram lotes ou tiveram conflitos com seus familiares e buscaram melhor qualidade de vida migrando para as cidades e bairros periféricos da capital, tornando-se índios urbanos.

Como a maioria dos índios brasileiros tanto os Potiguara quanto os Tabajara veem o mundo como uma comunidade de relações econômicas e espirituais celebradas em rituais, cantos e festas e a Terra não apenas como natureza, mas um modo de ser, com sistema, cultura, lei e costume. Todas as aldeias são autônomas e

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

têm a organização social e política sob a autoridade máxima do cacique que deve representar o povo nas tomadas de decisão política em níveis local e nacional. Em cada aldeia existem outras lideranças como parteiras, professores, agentes de saúde, anciãos, entre outros.

Quanto à economia desses povos, principalmente dos que moram nas aldeias, as fontes básicas de renda são a lavoura, a pesca, o extrativismo marinho, vegetal e a criação de animais de pequeno porte (galinhas, patos, gansos), de médio (caprinos e ovinos) e de grande porte (bovinos), em pequena escala. Alguns indígenas ainda trabalham no corte de cana-de-açúcar e nas usinas sucroalcooleiras, nas repartições públicas e no comércio local.

Importante ressaltar que, as maiores questões enfrentadas pelos indígenas brasileiros, assim como os paraibanos, são relacionadas a apropriação dos seus territórios de vivência, que não se restringe a posse da terra, mas envolve também a autonomia política, jurídica, a gestão e o controle sobre todos os recursos, no interior dos seus espaços territoriais, como hídricos, agro florísticos, agro faunísticos, minerais, entre outros. Daí a importância da reconquista de suas identidades e de políticas afirmativas de promoção da igualdade de oportunidades na estrutura socioeconômica estadual e nacional.

Diante dessa realidade, o desconhecimento da presença de indígenas em nosso estado que, em 2002 foram contabilizados mais de 1.000.000, houve um estranhamento do comportamento comum deste povo no nosso meio, que vem passando por um processo de reorganização interna desses povos, a partir da promoção do diálogo intercultural entre indígenas e a sociedade global, particularmente grupos organizados, intelectuais comprometidos com a defesa e liberdade desse povo. A presença da temática indígena na Universidade Federal da Paraíba envolve Centros e Departamentos e nestes professores, alunos e funcionários (indígenas e não indígenas). Desse modo, este texto trabalhará a ressignificando da cultura indígena da Paraíba, particularmente a Tabajara nos seus costumes e cultura através de práticas socioeducativas, tendo como base a Pesquisa-ação.

Na sincretização com os costumes dos povos europeus, que colonizaram o





país, africanos e outros os povos, os indígenas vêm passando por um processo de miscigenação cultural, diálogo intercultural com diferentes culturas. As batalhas com arcos e flechas foram substituídas por protestos. Os rituais passaram a incluir orações cristãs. A língua quase se perdeu, mas há nas próprias tribos da Paraíba um movimento de resgate das raízes indígenas Tabajara nas suas tradições. Processo de reorganização interna, particularmente através da estruturação de: Organização das Mulheres Indígenas Tabajara (Omit), Organização dos Jovens Indígenas Tabajara da Paraíba (Ojit), Associação Indígena Tabajara da Paraíba (AIT-PB), Organização dos Produtos Rurais Indígenas Tabajara da Paraíba (Oprit-Pb). Povo que, vítima de desconhecimentos, das desinformações e das deformações da cultura, vem sofrendo preconceitos e exclusão (GERSEM, 2006), particularmente devido a associação ao "modelo indígena" que vive isolado e que é "cruel", "bárbaro", "canibal", "selvagem", preguiçoso, traiçoeiro.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O Povo Indígena Tabajara da Paraíba: demarcação do território e preservação e ressignificação da cultura tradicional

Na Paraíba, a população tabajara constitui-se de aproximadamente 750 vivendo em lotes da reforma agrária em Conde, Pitimbu e Alhandra e as que não conseguiram lotes foram viver em bairros periféricos da capital. Desde 2005, diversas famílias no estado da Paraíba vêm reivindicando o reconhecimento étnico oficial de sua condição de indígenas tabajaras nos seguintes municípios e localidades: Alhandra: Mucatu; Conde: Barra de Gramame, Jacumã e periferia do Conde; João Pessoa: Grotão, José Américo, Mandacaru, Cristo Redentor, Geisel, Jardim Veneza; Pitimbu: Abiaí e Pitimbu.

A partir do final do século XIX, os Tabajara foram considerados extintos pela população paraibana (BARCELLOS E FARIAS, 2015), pois o território representativo dos Tabajara estava disperso em localidades que concentravam famílias de baixa renda, Microregião Litoral Sul da Paraíba, como Alhandra, Pitimbu e Conde, bairros

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

periféricos dos municípios da Grande João Pessoa, Bayeux e Santa Rita. Mas na (des)colonização, a aproximação e/ou distanciamento da cultura não indígena, geralmente imposta de forma arbitrarias e violentas das tradições que foram estrategicamente preservadas. Pois nessa violenta represália adotadas pela ideologia nacional para eliminação dos indígenas constatou-se uma lacuna história na explicação do silenciamento e invisibilização como sábio silenciamento por mais de um século. Tentativas de preservação do legado da etnia que foram sutis e silenciosamente fortalecidas na herança cultural, mas subvertida pela doutrinação visibilizada. Pois, aceitavam as práticas que lhes eram outorgadas, mas não eliminavam o legado e salvaguardavam as práticas da ancestralidade utilizando alianças com parceiros. Assim, os indígenas intensificaram o processo de busca das terras usurpadas secularmente e a identidade étnica Tabajara suprimida pela opressão historicamente constituída e institucionalizada pelos grupos sociais dominantes.

Desde o período do Brasil colônia, o processo histórico de retomada das terras e da identidade indígena do povo Tabajara na Paraíba vem sendo conflituoso. Nas sucessivas migrações, na época da fundação da Paraíba, os Tabajara que habitavam as margens do Rio São Francisco, após desentendimentos com os portugueses, em 1585, chegaram ao curso do Rio Paraíba, descendo até sua jusante, se estabelecendo nas cercanias da atual cidade de João Pessoa/PB, no atual Bairro da Ilha do Bispo. Ao chegarem à Capitania da Paraíba (para os portugueses) ou em Pindorama (Para os nativos) os Tabajara se viram em grande dilema: se aliar incondicionalmente aos portugueses, ou continuar migrando, tendo em vista a divergência étnica com os Potiguara que, provavelmente os exterminariam ou os expulsariam do território, tendo em vista que estavam reduzidos a apenas 6.000 pessoas quando chegaram ao Litoral Paraibano.

Indígenas preocupados com a sobrevivência de seu povo, após bravos combates, tanto contra portugueses como contra potiguara, sob a liderança do cacique Tabajara Piragibe, conhecido como Braço de Peixe, fizeram as pazes com os portugueses, tendo em vista a ruptura da aliança com os Potiguara (ANDRADE et al, 2012). Quando a etnia Tabajara ocupou o litoral do Estado e fundou as aldeias de



Alhandra e Taquara. Em 1614, o Capitão-Mor da Paraíba doou aos Tabajaras, que lutaram a favor dos portugueses, contra os Potiguaras, três sesmarias que iam do rio Gramame até o rio Abiaí, no Litoral Sul da Paraíba.

O engajamento etnopolítico dos Tabajara da Paraíba iniciou com a luta pela retomada territorial e pela reinvenção étnica e cultural. Segundo Barth (1969) grupo étnico definido como um conjunto de atores que se autodeclaram como membros de uma comunidade que se remetem a um passado comum. No processo reivindicatório de recursos e de demarcação do território a união do grupo indígena possibilitou a aquisição de seis hectares, próximo às terras que possuíam em 1865, conhecidas como Sítio dos Caboclos.

Considerando que, nas últimas décadas, grupos indígenas do Nordeste vêm reivindicando seu reconhecimento oficial, a mobilização do povo da étnica Tabajara em busca da reemergência, com demarcação do Território, foi embasada em estudos técnicos e em levantamentos de documentação histórica. Com base em informações do Relatório de fundamentação antropológica da caracterização da ocupação territorial dos Tabajara no Litoral Sul da Paraíba, através da Instrução Técnica Executiva nº 34/DAF/2009 e da utilização do programa ArcGis e do Google Earth, para operacionalizar a espacialização e produção de mapas que fundamentaram a retomada do território da afirmação étnico.

Com base nesse material, em 1976, foi instalada a etnia indígena Tabajara, com cerca de 750 pessoas. Única aldeia remanescente dos Tabajara, cujo território reivindicado possuía cerca de 10 mil hectares, segundo Conselho Indigenista Missionário (CIMI, 2013). Local que se tornou palco de disputa por território envolvendo indígenas Tabajara, agricultores familiares de assentamentos de reforma agrária e o Grupo Elizabeth, que instalava uma fábrica de cimento na região.

Em 2006, após muitas lutas pelo reconhecimento das terras indígenas, estudos técnicos contaram cerca de 1000 indígenas Tabajaras espalhados pela periferia da Grande João Pessoa e Litoral Sul que resistiam ao extermínio morando nas periferias dos três municípios do litoral sul do Estado da Paraíba, especificamente na região da Grande Mucatu, situada entre os municípios de Alhandra, Pitimbu e Conde. Quando agricultores familiares e indígenas, compartilharam e montaram acampamento sem

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

confrontos. Território que abrigava os primeiros assentamentos rurais de reforma agrária da Paraíba (Mucatu, Subaúma, APASA, Sede Velha, João Gomes e Andreza). O processo histórico reivindicatório de recursos e de demarcação de território era de extrema urgência, considerando que a terra era a base física e geográfica do povo Tabajara e implicava na necessidade de fincar raízes da indianidade. Assim como o cuidado com a natureza que reforçava o universo das relações mãe natureza e os valores culturais como construção social, cultural e político da identidade étnica dos Tabajaras.

O povo indígena Tabajara da Paraíba buscava suas raízes culturais embasada na prática do respeito, na espiritualidade tradicional e na religiosidade cristã e nos rituais. Além da confecção dos artesanatos e das pinturas. Farias e Barcellos (2015), em 2006, colocaram os Tabajara na luta pelo reconhecimento da segunda etnia indígena da Paraíba como um processo de valorização da sua cultura com atividades de conhecimento dos elementos tradicionais, através de oficinas de pintura, de espiritualidade, de confecção de artesanato e de trajes do ritual do Toré. Segundo o Cacique Edinaldo dos Santos Silva, o território tradicional do povo indígena Tabajara da Paraíba transforma sua realidade em novas formas de sobrevivência e legitimação das práticas, na institucionalização do ritual do toré como símbolo de força e de resistência étnica e como instrumento de união do grupo indígena.

Os conhecimentos Tabajara são práticas cotidianas do fazer embasada nos costumes e tradições apreendidas desde a infância até a fase adulta. Os anciãos e os pais acompanham seus curumins nas atividades diárias constante. A edificação das raízes culturais da prática do respeito, do cuidado com os elementos da natureza, da prática da agricultura, da confecção dos artesanatos, das pinturas, dos rituais festivos cristãos e da espiritualidade tradicional são apreendidas naturalmente a partir das vivências e convivência no percurso da vida. Práticas educativas informais que acontecem de forma difusa e dispersa nos processos de aquisição de saberes e nos modos de ação não intencional e não institucionalizado (LIBÂNEO, 2005). Nesse sentido, as práticas culturais dos Tabajara estão densamente impregnadas de práticas informais.

PROMOÇÃO



APOIO



No início do século XXI, diante da possibilidade dos Tabajara pagarem ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) o chão que, por direito, era deles, suscitou conflitos no litoral sul relativos à questão da territorialidade (FREIRE, 1997; 2014). Quando o cacique Tabajara, Edinaldo dos Santos Silva, para tratar da questão do reconhecimento oficial dos Tabajara enquanto etnia indígena, percorreu INCRA e Fundação Nacional do Índio (FUNAI), se reuniu com advogados e buscou aliados ao movimento indígena e indigenista para redescoberta e recriação de sua etnohistória e cultura.

Em 2006, agricultores e indígenas sofreram pressão para desocupação da área para instalação de fábrica de cimentos da Empresa Elizabeth Cimentos, além de outras empresas do ramo de cerâmica e mineração, particularmente no assentamento João Gomes (implantado pelo INCRA em 1976). Quando estes foram pressionados a vender suas terras, sob ameaça de desapropriação. A especulação sobre os imóveis rurais foi tanta que glebas compradas por R\$ 15 mil à fábrica ofertava R\$ 400 mil. Quando, três lotes somando 115 hectares foram vendidos para a empresa Cerâmica Elizabeth que, com o apoio da Prefeitura de Alhandra, pretendia construir fábrica de cimento. O projeto de desenvolvimento integrava um plano maior do Governo Federal, do Estado da Paraíba e do município de Alhandra de instalação de outras seis indústrias de beneficiamento do calcário e fábrica de cimento na região que, aliadas a ampliação da Estadual PB 008 e a duplicação da BR 101, instalariam no estado o Polo Cimenteiro e calaceiro e de turismo na região.

Quando o movimento de união e luta dos indígenas pela reivindicação do seu território e da ressignificação das tradições Tabajara foi reforçado pelo Mito da Profecia (BARCELLOS; FARIAS et al, 2014). Segundo Eliade (2002, p. 8), “[...] as sociedades onde o mito - é ou foi, até recentemente - ‘vivo’ no sentido de fornecer os modelos para conduta humana, confere, por isso mesmo, significado e valor à existência humana. Segundo o CIMI, a cosmologia Tabajara encontrou força na profecia que foi alavancada pelo indígena mais velho, o ancião dos Tabajara na Paraíba Antonio Piaba. Vô Piaba, ancião bastante respeitado pelos seus sábios ensinamentos e espiritualidades.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A profecia Tabajara narrava que “[...] um dia virá um jovem forte, capacitado e destemido para assumir nossa história, nossa gente e retomar nossa terra. “Conta que a formação da atual liderança da etnia começou há pouco mais de 50 anos, quando em seu leito de morte Antonio Piaba reuniu a família para comunicar sua profecia: um jovem apareceria para dar continuidade ao trabalho desenvolvido por Piaba. O território poderia estar cheio de prédios, mas ele voltaria para as mãos dos legítimos donos.

Edinaldo dos Santos Silva que era um jovem de 19 anos e pretendia deixar sua terra natal e partir para a Europa, para assumir, como jogador profissional de futebol, foi advertido da condição que a etnia enfrentava e de seu compromisso com seus antepassados. Diante da possibilidade da instalação do empreendimento em território indígena que poderiam modificar a forma tradicional de ocupação do território e gerar impactos ao meio ambiente e na qualidade de vida da população. O jovem cacique, atendendo pedido de seu tio, assume o movimento indígena e indigenista e lidera a resistência, com a adesão dos Jovens indígenas Tabajara, além de outros aliados, especialmente para tratar da questão do reconhecimento oficial dos Tabajara enquanto etnia indígena.

O jovem Cacique passou um mês percorrendo INCRA, Fundação Nacional do Índio (FUNAI), se reunindo com advogados e comunidades étnicas. E, de acordo com as novas situações do espaço intercultural, envolveu mais organizações políticas, setores e instituições sociais para somar forças. Como um mês não foi suficiente para resolver a questão, Edinaldo abandonou o sonho de ser jogador de futebol e liderou a luta pelos direitos dos indígenas Tabajara em seu território como sua razão de vida. E em 2007, o povo Tabajara formou parcerias com órgãos indigenistas: FUNAI, CIMI, APOIME, CNPI e apoio professores e técnicos da Universidade Federal e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Em 2008 o cacique Tabajara Ednaldo dos Santos Silva intensifica a organização, mobilização e articulação alianças. reiterando o território onde viveram e foram enterrados seus antepassados e outros povos pertencentes aos Tabajara para a retomada.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Em 2009, conhecido como o Ano da Cultura, a FUNAI aprova o Grupo de Estudos (GT) sobre os aspectos socioeconômicos, culturais e Geo-Históricos para reelaborar a cultura (como o artesanato e o toré). E segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai), o Conselho Missionário Indigenista (Cimi), a Associação dos Povos Indígenas do Nordeste, de Minas Gerais e do Espírito Santo (Apoime), ea Universidade Federal da Paraíba (UFPB), veiculados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), ocupam o território tradicionalmente pertence ao povo Tabajara, onde desde década de 1970 convivem com mais de 1.500 famílias de agricultores assentadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) na região.

Os indígenas ocuparam o local, mas agentes policiais cercam dois lotes do assentamento João Gomes apoiados por ações dos oficiais de justiça de desocupação da área. Além de Polícia Militar (PM), com Cavalaria, Batalhão de Choque e Corpo de Bombeiros. Mais de 200 policiais fortemente armados, encapuzados e sem identificação, de acordo com o blog Combate Racismo Ambiental. Quando foi acelerado o processo de levantamento da documentação da história da etnia para reconhecimento das terras de ocupação tradicional e fortalecimento dos seus rituais tradicionais.

Na Paraíba indígenas migrado para as cidades, segundo Censo Demográfico 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em média 338 índios, representando 9,7% da população total de indígenas (3.475) residem em áreas consideradas aglomerados subnormais ('favelas'), em cinco cidades (João Pessoa, Cabedelo, Bayeux, Santa Rita e Campina Grande) tornando-se índios urbanos em busca de melhorar sua qualidade de vida ou devido a conflitos internos entre seus familiares.

Em 2013, a retomada territorial constituía caminhos para o ressurgimento étnico e cultural e reconstrução da identidade nos assentamentos, pois nestes viviam mais de 1.500 famílias, segundo dados de 2011 da Comissão Pastoral da Terra (CPT), ocupando cerca de cinco mil hectares, produzindo grande parte dos alimentos destinados às Centrais de Abastecimento (Ceasas) da região, além de empregar mais de dez mil pessoas na agricultura.

Pois os que moram nas aldeias têm suas fontes básicas de renda com base na



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



lavoura, na pesca, no extrativismo marinho e vegetal e na criação de animais de pequeno, médio e grande porte (galinhas, patos, gansos, caprinos, bovinos), mas tudo em pequena escala de produção. Também desenvolvem artesanato, como arco de flecha, colares e produção de cerâmica. Alguns trabalham no corte de cana-de-açúcar e nas usinas sucroalcooleiras, nas repartições públicas e no comércio local.

Na dinâmica de retomada do território a base para a edificação das raízes culturais do povo indígena Tabajara da Paraíba com preservação e perpetuação as tradições expressam e sistematizam a na prática do respeito, do cuidado com os elementos da natureza, na confecção dos artesanatos, na pintura, nos rituais, na religiosidade cristã e na espiritualidade tradicional, que didaticamente podemos aqui chamar de práticas educativas tradicionais. Quando se fala em práticas educativas indígenas Tabajara é preciso entender todo universo onde elas acontecem, o tempo necessário, as relações com a mãe natureza e os valores que são cultivados. A pesquisa tem aporte teórico de autores como Freire (1997), Clastres (1982), Barcellos e Farias (2015) e Libâneo (2005).

Nos indígenas brasileiros, assim como os paraibanos, as maiores questões enfrentadas é a apropriação dos seus territórios de vivência e a reconquista de suas identidades e lutas por políticas afirmativas com promoção da igualdade de oportunidades, na estrutura socioeconômica estadual e Nacional. O território não se restringe apenas a posse da terra, mas envolve também a autonomia política, jurídica, a gestão e o controle sobre todos os recursos, no interior dos seus espaços territoriais como hídricos, agro florísticos, agro faunísticos, minerais, entre outros.

3 CONCLUSÃO

Como os demais indígenas brasileiros, na Paraíba, a maior parte das terras dos povos Potiguara e Tabajara está nas mãos de usineiros, granjeiros, hoteleiros e áreas de assentamentos agrários. Diante desta realidade, as maiores questões enfrentadas pelos indígenas paraibanos constituem a apropriação dos seus territórios de vivência e a reconquista de suas identidades. E a luta pelas políticas afirmativas de promoção da igualdade de oportunidades na estrutura socioeconômica estadual.



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Luta pelo território entendido no sentido amplo e não se restringindo apenas à terra, mas envolvendo também a autonomia política, jurídica, da gestão e do controle sobre todos os recursos, no interior dos seus espaços territoriais, como hídricos, agro florísticos, agro faunísticos, minerais, entre outros.

Na Paraíba o cacique Arapuã Tabajara destaca o valor da demarcação das terras para o seu povo. “Nós vamos ter o direito de viver ali e proteger a área de água, de mata para que ninguém faça mal a ela. Terra que, para nós, é uma cobrança que nós temos, uma dívida que o Estado brasileiro tem conosco, principalmente a Paraíba, onde lutamos para que o Estado existisse aqui. Tivemos essa terra e queremos ela de volta”, ressaltou o indígena. Atualmente, vem ocorrendo uma reorganização interna desses povos através da estruturação de: Organização das Mulheres Indígenas Tabajara (Omit), Organização dos Jovens Indígenas Tabajara da Paraíba (Ojit), Associação Indígena Tabajara da Paraíba (AIT-PB), Organização dos Produtos Rurais Indígenas Tabajara da Paraíba (Oprit-Pb).

A elite imperial brasileira, através dos aparelhos ideológicos estatais, de forma astuciosa e perversa, foi destruição da língua, os hábitos, os costumes, os relacionamentos e as espiritualidades. Uma destruição do cotidiano vivido que resultou no aniquilamento da maioria das etnias indígenas ao longo do litoral (CARNOY, 1990). Genocídio dos povos em seus corpos e etnocídio em seu espírito (CLASTRES, 1982) que exterminava ações e práticas educativas e culturais transmitidas há séculos. Mas, mesmo sendo perseguidos e dizimados, indígenas constituem uma das grandes matrizes étnicas da população brasileira, contribuindo com a formação do patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS

ALHANDRA EM FOCO. Acordo entre tabajaras e fábrica de cimento põe fim ao conflito em Alhandra. 28/05/2012. Disponível em: <http://goo.gl/f0q0VH>. Acessado em: 01 set. 2013.

PROMOÇÃO



APOIO



_____. Audiência pública discute sobre instalação de fábrica de cimento em Alhandra. 05/05/2012. Disponível em: <http://goo.gl/Smn6Xq>. Acessado em: 01 set. 2013.

_____. Em Alhandra: Dom José Maria Pires realiza missa campal em assentamento ameaçado por fábrica. 25/12/2011. Disponível em: <http://goo.gl/Ngv6oo>. Acessado em: 01 set. 2013.

_____. MPF visita área de conflito indígena em Alhandra. 25/11/2011. Disponível em: <http://goo.gl/UyTN1k>. Acessado em: 01 set. 2013.

_____. MPF quer que Tabajaras fiquem no sítio Mucatu (Alhandra) até final da demarcação. 15/02/2012. Disponível em: <http://goo.gl/o3NNbh>. Acessado em: 01 set. 2013.

ANDRADE, Tânia Maria de; ALMEIDA, Arinalda Cordeiro de. O Brasil indígena: um contexto amplo e diversificado: volume único, João Pessoa/PB, Editora Grafset, 2011.

BARCELLOS, Lusival. Memória Tabajara: manifestação de Fé e Identidade Étnica. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. 231 p.

BLOG DO VALFREDO. Audiência pública discute (EIA/RIMA) sobre instalação de fábrica de cimento na zona rural de Alhandra. 04/05/2012. Disponível em: <http://goo.gl/MHXSb3>. Acessado em: 01 set. 2013.

CARNOY, Martin. Educação, Economia e Estado: base e superestrutura: relações e mediações. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1990.

CLASTRES, Pierre. Arqueologia da violência. São Paulo, Brasiliense, 1982. p. 52-60.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ELOY FERREIRA DA SILVA. Comissão Nacional de Combate à Violência no Campo visita conflito agrário na Paraíba. 15/02/2012. Disponível em: <http://goo.gl/xFjJpN>. Acessado em: 01 set. 2013.

CENTRO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. Informe nº 994: Povo Tabajara luta contra fábrica de cimento na Paraíba. 15/12/2011. Disponível em: <http://goo.gl/A2TaQD>. Acessado em: 01 set. 2013.

COMBATE RACISMO AMBIENTAL. Índios Tabajaras fazem retomada de seus territórios na Paraíba. 13/11/2011. Disponível em: <http://goo.gl/GgOKoi>. Acessado em: 01 set. 2013.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

_____. PB Manifestantes ocupam lotes de terra que seriam vendidos de forma ilegal. 28/01/2012. Disponível em <http://goo.gl/IFRDKO>. Acessado em: 01 set. 2013.

_____. Mais de 200 policiais armados e encapuzados cercam índios Tabajara em Alhandra-Mucatu, PB. 30/11/2011. Disponível em: <http://goo.gl/G1zWpy>. Acessado em: 01 set. 2013.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. Camponeses são pressionados por instalação de Fabrica de cimento no assentamento em Mucatu (PB). 03/06/ 2011. Disponível em: <http://goo.gl/36XTCj>. Acessado em: 01 set. 2013.

_____. Conflito em Mucatu é discutido na Comissão Nacional de Combate à Violência no Campo. 23/02/2012. Disponível em: <http://goo.gl/9mEQ4q>. Acessado em: 01 set. 2013.

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. Construção de fábrica de cimento deve gerar 1,2 mil postos de trabalho na Paraíba. 10/05/2012. Disponível em: <http://goo.gl/x6QNRO>. Acessado em: 01 set. 2013.

_____. Governo promove fórum para discutir formação do polo cimenteiro no Estado. 17/11/2011. Disponível em: <http://goo.gl/njMX2a>. Acessado em: 01 set. 2013.

_____. Paraíba caminha para ser a maior produtora de cimento do País. 14/11/2011. Disponível em: <http://goo.gl/BWf6O9>. Acessado em: 01 set. 2013.

_____. Polícia Militar cumpre decisão da Justiça em Alhandra. 31/01/2012. Disponível em: <http://goo.gl/c3NEp4>. Acessado em: 01 set. 2013.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. Conflito por área na Paraíba sensibiliza padres brasileiros e estrangeiros. 08/02/2012. Disponível em: <http://goo.gl/RA3R9K>. Acessado em: 01 set. 2013.

_____. Incra/PB cria comissão especial para investigar venda de lotes a cerâmica. 08/02/2012. Disponível em: <http://goo.gl/eoMxVP>. Acessado em: 01 set. 2013.

LIBÂNEO. José Carlos, Pedagogia e Pedagogos, para quê? 8. ed. São Paulo: Cortêz, 2005.

PREFEITURA DE ALHANDRA. História. Disponível em: <http://goo.gl/Fkz2N0>. Acessado em: 01 set. 2013.

PROMOÇÃO

